

RAINHAS DE *CALIBAN*: LEITURA PSICANALÍTICA DE  
TEXTOS NA VOZ MASCULINA

Julia Hissa (UFRJ)

Eu tenho um certo receio  
de bem encarar de frente  
o teu olhar, todo cheio  
d'um fogo surpreendente.<sup>8</sup>

Sempre desejante, o inconsciente procura reviver as protofantasias da infância, por isso é que a figura da mãe está tão presente no imaginário do homem e sempre pronta a se manifestar através do processo mimético da criação: as imagens de mulher se misturam à natureza numa harmonia de formas e contrastes para construir o caminho da *volta*. No poema de Alexandre Dáskalos, o sujeito poético contempla a Eleita que se expõe diante dele qual miragem:

Erguida do fundo das águas plácidas  
dum lago surge Mulher.  
Limos na pasta dos cabelos  
escondem o mistério dos olhos  
olhando a curva do seu ventre.  
Flutuando  
entre sombras e reflexos  
duma luz longínqua,  
a forma dos braços  
ganha o mais e mais fundo das águas.  
Os seios erguidos  
apontam ao longe  
a aurora que vem.  
Em volta  
musgos, líquens, algas

---

<sup>8</sup>FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban*. Lisboa: Seara Nova, 1976. V.II, p.30. A partir daqui a paginação será indicada no próprio texto.

em fosforescências arbóreas  
de constelações que lembram  
os recessos da vida.  
Em plantas aquáticas, marítimas, chegam-lhe da floresta  
lutas de homens, desesperos e cansaços,  
feras e povos divididos, misturados  
confundidos  
para sua criação.  
E tudo esquecido ou ignorado,  
só no lago  
o corpo erguido  
jovem  
abrindo nas sombras o seu perfil que nasce  
o seu perfil de Mãe  
dos Homens do futuro. (p.268)

Existe, como se pode perceber, uma plena integração entre natureza e mulher. Ambas parecem amalgamadas no psiquismo do eu que, tentando recuperar a UNIDADE dos primórdios, vive momentos de melancolia, pois reatar a fusão inicial com o corpo da mãe, torna-se algo impossível - o paraíso edênico não se pode reaver, jamais. Segundo Helena Parente Cunha,

fomos cortados da plenitude fálica, vivida no  
seio da Mãe-Natureza, onde cresce a nostalgia  
do perdido ninho. Esta nostalgia alimenta o  
desejo de retorno à natureza, onde as coisas  
são livremente o que são, sem passarem pela  
representação<sup>9</sup>

Envolvida pelo clima onírico da poesia, a “Mulher” acaba por instaurar o sonho de retorno ao paraíso. O campo semântico nos remete ao espaço mítico do êxtase: o jardim das Delícias subsiste na memória do eu pelo enlace que se dá entre a amada (duplo da mãe perdida) e a

---

<sup>9</sup>CUNHA, Helena Parente. *Mulheres Inventadas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994, p.61.

própria natureza; na tentativa de reatar o elo narcísico, *ele* se deixa encantar pela fálica imagem que se põe diante dele “flutuando / entre sombras e reflexos”.

Convém lembrar que a Mãe-Natureza evoca para si o dom da fecundidade. Responsável pela doação de vida, era considerada um ser divinal pelas sociedades arcaicas. Há, com efeito, uma troca crótica: de um lado, a mulher que se entrega, do outro, a natureza que a recebe como parte do seu todo. Fecunda, permissiva; assim, se inscreve a fantasmática Presença, no poema ou fora dele. Dona da criação humana, arquiteta do universo, ela estabelece uma relação compartilhada com a *physis*<sup>10</sup>; vez por outra, ganha concretude e exhibe “os seios erguidos” à distância.

Conforme se pode notar no poema, a presença feminina que surge “das águas”, se fixa, no imaginário do sujeito, não só como lembrança arquetípica da Mãe primeva, mas também como telúrica miragem da terra, terra que há de gerar os “Homens do Futuro”; vem, então, a correspondência: Mulher-Amada (representante da mãe que habita o inconsciente)/ Mulher-Natureza (símbolo da própria pátria). Fundidas - mulher-mãe-natureza - colocam-se no psiquismo do eu como fantasmas persecutórios de um Ideal inatingível.

No poema “Árvore de frutos”, de Antonio Cardoso, a figura amada brota da percepção visual e olfativa do sujeito poético. A negra traz, na pele, as insígnias da *Tellus Mater* Terra Mãe<sup>11</sup> (o próprio título nos remete para essa possibilidade) e se mistura a sabores e odores nativos somente com o propósito de encantar aquele eu apaixonado. Vejamos:<sup>12</sup>

Cheiras ao cajú da minha infância

---

<sup>10</sup> A palavra *physis*, aqui, foi empregada como sinônimo de natureza.

<sup>11</sup> Convém lembrar que a presença da Terra-Mãe está, por toda a parte, para nos lembrar o seu poder gerador, ao mesmo tempo, estimula a protofantasia de retorno ao útero materno.

<sup>12</sup> Op. cit. I, p.196.

e tens a cor do barro vermelho  
de antigamente;  
há sabor a manga a escorrer-te na boca  
e dureza de maboque a saltar-te nos seios.

Mistura-te - com a terra vermelha  
e com as noites  
no teu corpo  
sons antigos dos batuques à minha porta, com que me  
provocas,  
enchem-me o cérebro de fogo incontido.  
Amor és sonho feito carne  
do meu bairro antigo do musseque!

A mulher se metaforiza em imagens sensórias buscadas na “infância” para fazer parte da paisagem *natural*: ora se assemelha ao “caju” pelo cheiro, ora está presente no gosto da “manga” que escorre de seus lábios. Ambivalência perfeita: enquanto saboreia a fruta, torna-se a própria fruta a ser saboreada. O desejo do sujeito é apossar-se da amada - ele a quer só para si - daí enveredar pelas alamedas da fantasia a fim de recompor a Unidade perdida. Como observa Helena P. Cunha: “o simbolismo relativo à mulher e à natureza se repete em todo o tempo e lugar, na medida em que expressa a humana tendência para buscar a totalidade una.”<sup>13</sup>

Para escapar da inflexibilidade de um Princípio constrangedor, que subordina instintos e pulsões<sup>14</sup>, o homem tenta restabelecer aquele *acordo perfeito* que havia nos primórdios da sua existência pela fusão mãe-e-natureza, sempre presente em seu imaginário.

Édipo, com os olhos chamejantes de desejo, procura voltar às origens e comer o fruto proibido; a mãe de outrora, agora, Mulher de seus sonhos, confunde-se “com a terra” e “com as noites” no psiquismo

---

<sup>13</sup>Op.cit. 2, p.59.

<sup>14</sup>Referência feita ao princípio da Realidade; este princípio se opõe à liberdade da natureza e impõe limitações às nossas satisfações imediatas.

do eu. O Menino Travesso insiste em desvendar o mistério daquele prazer antigo pela percepção sensória da persona poética. Quer apoderar-se da Amada, romper o interdito, por isso, vai ao encontro daquela paixão que se perpetua no “sonho feito carne” no afã de reencontrar a mãe alucinada dos primeiros anos de vida; a presença materna está, por toda parte, a provocá-lo. Voltar? se pudesse valeria a pena. Mas não pode. Inclinando-se diante do precipício, deixa-se consumir pelo “fogo” que incendeia os porões da *sua* mente.

Pela Psicanálise encontramos meios de conhecer os entraves do mundo inconsciente. Durante os primeiros anos de vida, ficamos à mercê de nossas pulsões e instintos, e qualquer empecilho que interrompa o desenvolvimento dessas excitações, irrompem em sensações de extremo desprazer; na idade adulta, já se podem conter esses impulsos desenfreados. É aí que se inscreve o desejo de preencher a Falta: através dele tenta-se reconstruir o castelo que ficou perdido na areia de uma praia abandonada. Impossível! Não se pode voltar ao reino da onipotência, posto que o pleno, o absoluto já se perdeu, como nos ensina Maria Rita Kehl:

esse absoluto que foi a vida intra-uterina, e depois definitivamente perdido, sobrevive e renasce sempre nas fantasias inconscientes (...) a realidade, nossa inimiga desde sempre, é também a contraposição à onipotência do desejo e nos obriga a barganhar o absoluto em troca de muitas, de infinitas outras satisfações não absolutas que podemos obter pela vida.<sup>15</sup>

Então, o pequeno Narciso cresce e se expõe à maldita perda, perda da plenitude que vai acompanhá-lo, como um fantasma, pois o regresso ao mundo fálico-imaginário é algo irrealizável; ele não pode (ninguém pode) desfrutar as delícias daquele lugar paradisíaco, a não

---

<sup>15</sup>KEHL, Maria Rita. A Psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO et alli. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.476.

ser pela fantasia. Desbaratado, o sujeito poético se insinua através do outro a fim de re-fazer o caminho da *volta*:

Sou a quitandeira mais doce  
que todos os doces de coco.  
minha boca é tão docinha  
como a fruta da minha quintanda.  
Tenho os seios para dar  
duas laranjas do loje.  
tenho nos olhos pitangas  
tão boas de namorar...  
Tenho o Sol na barriga  
e doçura da manga nos braços,  
quem quer minha vida  
pra adoçar os seus cansaços? (p.195)

Nesse poema, também de autoria de Antonio Cardoso, o eu subverte sua própria personalidade quando se coloca no lugar da mãe primordial para atingir a tão sonhada completude. Os princípios masculino (*YANG*) e feminino (*YIN*) entram em choque: o sujeito precisa restaurar o paraíso fusional, precisa reatar o elo narcísico que o unia à mãe. Quer -todos querem - regressar ao berço de antigamente. No desespero da volta, acaba por assumir a voz e a imagem do outro, e finge "Sou a quitandeira".

A mãe bondosa, que agasalha e dá prazer, está presente em cada verso; como se observa, ela é "mais doce/que todos os doces de coco", seus "seios" são "duas laranjas do loje", seu olhar deixa entrever "pitangas" deliciosas.

Parece que estamos diante do "ioiô de iaiá". Ambos revivem, na perfeição daquela UNIDADE mãe-filho/ cu-amante - eu-amado, a plena experiência da sedução: a Amada é fruto alucinado que se põe diante do eu, apenas, para fazê-lo lembrar os perigosos atalhos de uma infância revisitada. Margens conflitantes: sedutor, de um lado; seduzido, do outro. *Ela* lhe faz o oferecimento: "quem quer a minha vida/ pra adoçar os seus cansaços?" e, *ele*, embriagado de amor, aceita o convite.

Continuando esse jogo de sedução, encontramos, mais uma vez, a deslumbrante presença da Outra - mulher "feita de candura e de malícia": observemos esse poema de Antero de Abreu:

Graça feita de candura e de malícia,  
Sabedoria da carne.  
Animal vitorioso e generoso.  
Vértice de experiências convergentes.  
Equador de duas civilizações.  
Tu, bela, tu, fecunda, tu, menina.  
Primeira e magnífica descoberta.  
Filha da História  
(Filha do pecado?)  
És zombeteira e triste.  
Ponto,  
Pêndulo,  
Suspensão.  
Carne retalhada  
Por centrifugas forças que te chamam.  
Cedo ou tarde nascida ?  
Cedo ainda ?  
Resíduo apenas ?  
Simbólica dança escultural da paz.  
Ou virgem imolada no altar do fogo?  
Caminhas e meus olhos perdem-se  
Mais que nas linhas frementes do teu corpo.  
Na luz obliquada dos teus olhos pávidos.  
Esplêndida encarnação do amor sem margens.  
Tu, bela, tu, menina.  
Mulata.  
Interrogação da época. (pp.126-27)

O olhar seduzido restabelece o olhar da criaturinha que se surpreendeu, um dia, ao se flagrar diante do espelho. O enigma se formou contra a sua vontade. Desesperada, ela experimentou a angústia de se tornar prisioneira de um corpo tão diferente daquele outro, idealizado e projetado pelo eu-materno. Mas, nessa prisão do espelho, o pequeno ser estava adormecido. Hora de acordar: triste

desolação.<sup>16</sup> A mãe não pode mais alimentar o narcisismo do bebê: ele é Um, agora e sempre; nada se pode fazer. Diante da revelação do espelho, o seduzido se lança num mar de ressacas. O eu parece captar o instante do trauma, aquele exato momento em que se deu a cisão, como se pode perceber pelos indicadores metafóricos “primeira e magnífica descoberta” (7º verso), mais adiante, “ponto/pêndulo/ suspensão” (11º, 12º e 13º versos) pois, no *seu* inconsciente, o desejo está pronto para reaquecer as chamas do passado.

O recalque daquele ego ao experimentar o desatino da revelação - “eu sou eu; dividido e rejeitado” - faz com que o curso da sua libido seja desviado para um outro objeto. A incômoda situação que fazia da mãe o centro da paranóia, parece resolvida: o fantasma da culpa deixará, então, de existir. Édipo já se fez homem e já pode viver uma paixão sem percorrer caminhos incestuosos. A mulher-amada, ainda que reviva o *replay* de experiências anteriores, é menos perigosa: o sujeito pode desejá-la sem passar pelo crivo da censura.

Mas a Mãe -- aquela criaturinha plena de graças que nos fez acreditar na existência do “paraíso” -- continua a rondar os porões de nossa psique sob a forma de aparições fantasmáticas. O eu lírico, ao captar a *sua* chegada, acaba por se transformar num escravo da sedução, posto que a amada (imago constante da Outra) está, ali, pronta para fazer revivê-lo antigas emoções. Ora se insinua por meio de seus atrativos como “bela”, “fecunda”, “menina”, ora através de significativas alusões como “sabedoria da carne” (2º verso) ou “simbólica dança escultural da paz” (19º verso), por exemplo.

Num dado instante, a persona poética percebe que o retorno é sonho impossível e... questiona - “resíduo apenas?” Volta a adormecer.

---

<sup>16</sup>Com a *quebra* do espelho, ficamos expostos à falta e começamos a entender que não mais fazemos parte daquele todo indiferenciado - filho-mãe fundidos numa mesma unidade.



O olhar letárgico do eu revela a falta que *lhe* fazem aqueles “olhos pávidos”, os mesmos olhos que, inadvertidamente, *a* arremessaram de encontro ao enigma: na figura da Sedutora, *ele* tenta recuperar as delícias daquele “amor sem margens”, pois não consegue - nunca conseguirá - conviver com o abandono daquela praia deserta onde foi largado.

Se por um lado, tentamos regressar ao berço nirvânico, por outro, damos a mão à palmatória ao percebermos que esse retorno não é possível. Todos somos carentes. Todos somos incompletos. O que se pode tentar, talvez, seja a *repetição* daquele gozo primeiro através da fantasia.

Cada Poeta tenta re-fazer o caminho da *volta*, a seu modo próprio; a amada recupera a mãe do mundo inconsciente e se revela, frequentemente, por meio de imagens ou miragens impalpáveis, aproximando-se da Natureza com quem mantém laços de intimidade. Compulsão à repetição? Tudo indica que sim.

Nas águas, os rostos pareciam colados. A face de Narciso se uniu à outra face, e, tão semelhantes as duas se fizeram, que ficou difícil de acreditar que ele era um, apenas UM. Se o narcisismo não aceita a separação e a falta escravizadora, só resta uma saída: encontrar (pelo menos, tenta-se) a libertação por meio da mulher-amada.

Voltando à epígrafe, percebemos que o “olhar” da Sedutora resplandece, mais e mais, diante dos cobiçosos olhos do sujeito desejante.

Solitário, porém fascinado, *ele* tenta compreender o poder daquele olhar enquanto busca restabelecer a relação paranóica com a Mãe - figura de eterno delcete - mas recua com “um certo receio” pois, ainda, não se refez do trauma. Contudo, o desejo acaba por colocá-lo diante de outra experiência, não menos perigosa do que a primeira: e, dando-se por vencido, mais uma vez, deixa-se consumir por aquele “fogo surpreendente”.